

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 ★ QUINTA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2016 ★ Nº 31.879

EDIÇÃO NACIONAL ★ CONCLUÍDA ÀS 20H54 ★ R\$ 4,00

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2016 B6

esporte

NA TV

6h The Open
Golfe, ESPN +

9h30 Volta da França
Ciclismo, ESPN

12h30 Estados Unidos x Itália
Vôlei (Liga Mundial), SporTV 2

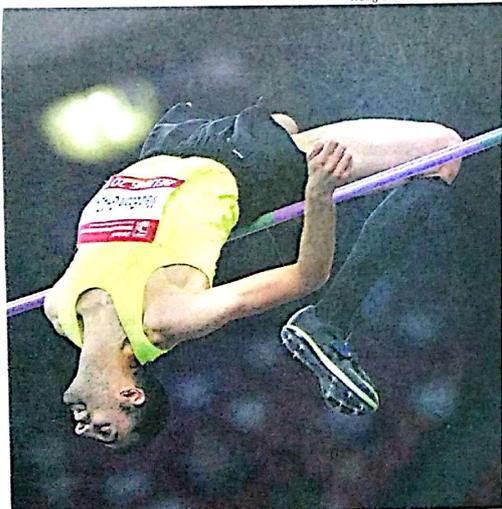
15h30 Polônia x Sérvia
Vôlei (Liga Mundial), SporTV 2

21h CRB x Tupi
Série B, SporTV (menos AL)

21h45 Boca Juniors x I. del Valle
Libertadores, Fox Sports

FOCO

Wang Zhao - 18.mai.2016/AFP



Majd Ghazal salta em competição em Pequim, em maio

Para se preparar para os Jogos Olímpicos, sírios têm de superar a guerra civil do país

DIOGO BERCITO
EM MADRI

Quando finalmente saltar na Olimpíada do Rio, após meses de intenso treino e de expectativa, o atleta Majd Ghazal, 29, avaliará seus objetivos com duas medidas.

A primeira avaliação, e mais imediata, será vertical: chegar o mais alto possível e, assim, ser campeão olímpico do salto em altura.

Sua segunda meta é colocar uma medalha no pescoço e provar que, a despeito da guerra que assola a Síria, o país é capaz de ser notícia por

seu bom desempenho.

Dono da terceira melhor marca do ano no salto em altura, Ghazal é candidato sério a medalha no Rio. Sua ariscada rotina de treinos, e os obstáculos políticos que tem de saltar, dão testemunho das provas cotidianas enfrentadas pela população.

A Síria vive um conflito civil desde 2011. Estima-se que quase 500 mil pessoas tenham sido mortas.

A situação piorou desde que a organização Estado Islâmico estabeleceu-se, em 2014, em um território que inclui partes de Síria e Iraque.

O estádio Tishrin, onde Ghazal treina, está a alguns quilômetros dos combates ao redor da capital síria, Damasco. No passado, atletas foram feridos por ataques vindos de regiões tomadas por rebeldes.

"É difícil, mas gosto de desafiar-me nessa situação", diz à **Folha** por telefone.

Ghazal lamenta não ter ido ao Marrocos e à Europa para competir, o que poderia ajudar na preparação. Há bloqueios e restrições à movimentação de sírios.

"Não me deram o visto porque sou sírio", diz Ghazal, que disputou Pequim-2008 e

Londres-2012, mas não saltou alto o bastante para medalha.

MARÉ

Bayan Jumah, 22, também irá ao Rio. A sua meta será horizontal: competir na natação. Nascida na cidade de Aleppo, norte da Síria, ela treina na Rússia, de onde falou com a **Folha**.

"Pode ser um momento feliz para a Síria", diz Jumah, que também participou das duas últimas Olimpíadas, sem, no entanto, obter resultados expressivos.

A nadadora conta que não deixou a Síria devido à guerra, mas porque não havia outras atletas de sua modalidade com quem praticar.

"As pessoas fora da Síria pensam que há apenas a guerra, por causa da televisão e da internet", lamenta.